

Eneva: expansão movida a gás em 2021⁽¹⁾

Felipe Salgado
Fabio Couto

Em entrevista concedida à Brasil Energia, o diretor de Operações da Eneva, Lino Cançado, faz um balanço das atividades da empresa em 2020, aponta perspectivas para os próximos anos e fala sobre os novos projetos da companhia para geração termelétrica e E&P

Com a aquisição de sete blocos exploratórios e o campo de Juruá, a companhia despontou como a grande vencedora do 2º Ciclo da Oferta Permanente da ANP. A Eneva pretende replicar o modelo reservóir-to-wire na Bacia do Paraná, ainda que seja uma área de nova fronteira. “Tudo depende das descobertas”, disse o executivo.

Qual o balanço das atividades da Eneva em 2020, ano de pandemia?

Estamos entrando na reta final da construção das usinas de Jaguatirica II e Parnaíba V. Tivemos alguns atrasos com a entrega de alguns equipamentos importados. Com a normalização da cadeia de suprimentos, todos os grandes itens já estão no canteiro de obra. A próxima fase é a de instrumentação e controle para comissionamento das plantas em 2021. Outro fator que causou grande impacto foi a redução da mão-de-obra devido à contaminação por Covid-19. Em relação ao despacho das termelétricas e consumo de gás, alcançamos as nossas métricas esperadas: 50% de despacho médio e consumo de 1,4 bilhão de m³ de gás. A chegada tardia do período de chuva e a recuperação econômica nos favoreceram.

E em relação às atividades de E&P? Quais são as perspectivas para 2021?

Concluimos a perfuração dos poços de Azulão no início do ano, com resultados que confirmaram as expectativas das reservas. Na Bacia do Parnaíba, por sua vez, realizamos uma aquisição sísmica 2D que foi concluída na primeira semana de dezembro. Ainda em 2020, perfuramos os poços em desenvolvimento do campo de Gavião Preto, que deve entrar em produção em 2022. Em 2021, devemos construir as infraestruturas de produção. Também perfuramos os poços de extensão em Gavião Tesoura 2, Gavião Branco 1 e Gavião Branco Norte. Para o segundo semestre de 2021, estamos planejando uma campanha de perfuração em alguns prospectos adquiridos na 13ª e 14ª rodadas de licitação da ANP. No primeiro semestre, devemos terminar o processamento de dados sísmicos. Na Bacia do Parnaíba, foram perfurados dois poços com indícios de gás. Um poço, inclusive, gerou um PAD (Plano de Avaliação de Descoberta), que foi aprovado pela ANP.

Qual a avaliação da Eneva em relação à derrubada da emenda do PL do Gás referente às térmicas inflexíveis?

O projeto de lei ainda está em discussão, prefiro não comentar.

O MME divulgou um calendário de leilões de energia para os próximos anos. A Eneva tem planos de novas usinas para os leilões?

A Eneva participa do desenvolvimento de projetos no Norte Fluminense e Sul do Espírito Santo. Um deles é a UTE Nossa Senhora de Fátima, localizada em Macaé. Atualmente, estamos discutindo outras três possibilidades de empreendimentos

termelétricos na região Sudeste, visando o aproveitamento do gás produzido no pré-sal. Ainda não posso dar maiores detalhes. O que posso dizer é que são projetos em diversos estágios de maturidade. Alguns já estão prontos para serem inscritos em leilões, outros nem tanto. A intenção não é participar com todos os projetos, mas dar prioridade aos que possuem maior competitividade.

Os projetos que estão prontos já possuem licenças?

Possuem licença ambiental, outorga de água, terreno e ponto de conexão. Já discutimos, inclusive, o contrato de construção com os epecistas. O nó da questão é a incerteza da oferta do gás do pré-sal. Os produtores ainda dependem de uma âncora de demanda constante para investir em novas rotas de escoamento do gás.

Ainda em relação aos leilões de energia, o MME planeja encerrar contratos de usinas termelétricas movidas a óleo combustível e a óleo diesel e converter o seu abastecimento em gás natural. A Eneva tem planos de adquirir algumas dessas usinas para realizar a conversão do abastecimento?

A conversão não é tão simples assim. Por vezes, ela requer investimentos vultosos para substituição de equipamentos. Outra questão é o fornecimento de gás natural. Nem sempre há oferta competitiva de gás nas localidades onde estão instaladas as usinas. Então, não há nenhuma estratégia voltada para essa abordagem.

A Eneva já possui um cronograma para início das atividades exploratórias dos blocos adquiridos na ocasião do 2º Ciclo da Oferta Permanente?

Temos planos para a Bacia do Amazonas, no entorno de Azulão, onde adquirimos uma grande quantidade de dados sísmicos em campanhas 2D e 3D já realizadas. De posse dos dados há mais de dois anos, a Eneva já possui uma boa compreensão geológica daquela bacia sedimentar. Portanto, nosso planejamento é iniciar a perfuração dos blocos exploratórios no início de 2022. Em Azulão, pretendemos perfurar um ou dois poços de extensão em 2021. Já a Bacia do Paraná requer um pouco mais de estudo, tendo em vista que é uma área de nova fronteira. Vamos começar o reprocessamento para interpretação da sísmica em 2021. Isso deve levar quase dois anos. Depois, pode ser que haja a necessidade de contratação de um programa sísmico mais extenso em 2023/24. A previsão da perfuração é 2025.

A Eneva pretende replicar o modelo reservóir-to-wire na Bacia do Paraná?

Em termos geológicos, a Bacia do Paraná é análoga à Bacia do Parnaíba. Apesar de ser uma área de nova fronteira, com poucas informações disponíveis, a Bacia do Paraná possui um sistema petrolífero semelhante ao Parnaíba. Essa é a primeira razão da nossa aposta. A segunda é a monetização do gás. No Paraná, podemos aplicar com facilidade o modelo que desenvolvemos no interior do país. Cabe lembrar que a região está próxima de indústrias e do cinturão do agronegócio. Portanto, existe a possibilidade de viabilizarmos termelétricas para monetizar o gás ali existente, dispensando a necessidade de construção de gasodutos.

O estado do Paraná está próximo do cinturão geográfico do agronegócio brasileiro. A Eneva considera a possibilidade de construir fábricas de fertilizantes?

Ainda é muito cedo para fazer esse tipo de aproximação. Como eu disse, a Bacia do Paraná é uma área de nova fronteira. A região tem potencial para geração termelétrica, distribuição de GNL e produção de fertilizantes. Mas tudo depende das descobertas.

No futuro, a Eneva pretende atuar como uma comercializadora de gás?

A Eneva já possui uma comercializadora de eletricidade. A ideia é participar da comercialização de gás através da mesma unidade de negócio. A estratégia é atuar de forma parecida com a energia elétrica.

A Eneva adquiriu o campo de Juruá no 2º Ciclo da Oferta Permanente. A empresa também está na disputa pela aquisição do Polo Urucu, que faz parte do programa de desinvestimento da Petrobras. Em 2011, a Petrobras recebeu autorização para a construção de um gasoduto de 140 km de Juruá até Urucu. A estatal tinha planos para instalar uma térmica no local para ser conectada a uma linha de transmissão. A Eneva, portanto, adquiriu Juruá pensando na integração com Urucu?

Quando se olha o mapa, é natural pensar na integração. Em algum momento, as reservas de Urucu vão se exaurir. Mas a infraestrutura ali existente pode ser aproveitada em Juruá. Então, temos uma visão regional integrada para produzir e escoar o gás. Mas essa não é a única alternativa. Também podemos liquefazer o gás e transportá-lo pelos rios da região. Realizamos estudos sobre diversas possibilidades, mas ainda não definimos como monetizar o ativo de Juruá. Ainda dependemos da definição da Lei do Gás e da nova rodada do processo de venda de Urucu pela Petrobras.

De acordo com o seu relatório de sustentabilidade, a Eneva não pretende investir em novas usinas movidas a carvão. Após o término dos contratos de energia, o que a Eneva pretende fazer com as suas usinas no Maranhão e no Ceará?

Até lá, vamos operá-las da melhor forma possível em termos de eficiência e emissão. Quando cessarem os contratos, existem diversas possibilidades. Dentre elas, consideramos a hipótese de o sistema absorvê-las como usinas de pico, a fim de ajudar a balancear e até promover a expansão das fontes renováveis. Também estamos discutindo a possibilidade de convertê-las em usinas a gás, dependendo da disponibilidade do recurso energético. Por último, há a opção do descomissionamento das usinas. Ainda não existe um compromisso com nenhuma das três possibilidades.

A Eneva possui algum plano de investir em renováveis, especialmente em solar, eólica e hidrogênio verde?

A expansão das renováveis está gerando muita sazonalidade e intermitência no sistema. Por isso, a nossa aposta está baseada nas termelétricas movidas a gás. Dito isso, temos duas usinas fotovoltaicas bem pequenas no Ceará e no Maranhão. Pode-se dizer que são projetos de P&D. O principal cliente da usina do Maranhão é a própria Eneva. A energia é consumida no upstream. A capacidade adicional dela é colocada no mercado até para entendermos melhor a dinâmica da geração distribuída. Temos um projeto eólico ativo no Rio Grande do Norte, mas decidimos por não seguir adiante com ele nos últimos leilões, que foram muito competitivos e voltados para expansão de projetos existentes. Outro movimento que buscamos no passado foi uma composição do nosso portfólio com hidrelétricas. A complementaridade entre termelétricas e hidrelétricas fortaleceria as receitas da companhia e reduziria os riscos associados.

Haverá, provavelmente, no primeiro semestre de 2021, o leilão das usinas da CEEE-GT. A Eneva avalia participar do leilão?

Por dever de ofício, estudamos todas as oportunidades. Mas tudo depende do valor.

(1) Artigo publicado na Agência Brasil Energia. Disponível em: <https://energiahoje.editorabrasilenergia.com.br/eneva-expansao-movida-a-gas-em-2021/>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.